



CATÓLICA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO



# *Desafios 1*

## *Cadernos de trans\_ formação*

### *Abril de 2013*



*Ousar ser autor nos tempos de crise.*

*Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia*

*ISSN: 2183-7406*



---

## Ficha Técnica:

**Direção:** José Matias Alves

**Coordenação deste número:** Ana Paula Silva

**Edição:** Francisco Martins

**Colaboradores permanentes:**

Afonso Baptista	José Maria de Almeida
Alexandra Carneiro	José Reis Lagarto
Ana Sofia Reis	Luísa Orvalho
Cristina Palmeirão	Luísa Trigo
Fátima Braga	Lurdes Rodrigues
Fernando Costa	Manuela Gama
Filomena Serralha	Manuela Ramoa
Ilídia Vieira	Maria Peralta
Isabel Salvado	Maria José Araújo
João Rodrigues	Maria José Tavares
João Veiga	Mariana Filipe
Joaquim Machado	Rita Monteiro
Joaquina Cadete	Valdemar Almeida
Jorge Nascimento	Vítor Alaiz
José Afonso Baptista	

**ISSN: 2183-7406**



**Colaboram neste número:**

Albino Pereira / Agrupamento de Escolas de Vilela

Ana Paula Silva / Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique

Ana Teixeira / Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior

Cristina Leitão / Agrupamento de Escolas de Vilela

Cristina Marques / Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior

Duarte Nuno

Elsa Dias / Coordenadora Pedagógica da Escola Tecnológica e Profissional de Sicó

Emídio Baptista / Agrupamento de Escolas de Vilela

Grupo de Professores Intervenientes no Projeto Formativo / Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique

Grupo de Professores de Matemática / Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior

José Alberto Lima / Agrupamento de Escolas de Vilela

José Falhas da Costa / Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique

Maria Guedes / Agrupamento de Escolas de Vilela

Maria Manuela Pinto / Diretora do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique



## Índice

Carta de Apresentação .....	6
<b>Valorizar o trabalho do professor, para valorizar o ensino:</b> .....	6
Linha Editorial .....	6
Objetivo .....	7
Editorial: José Matias Alves .....	7
De dentro:.....	8
<b>Memórias de um professor</b> .....	8
<b>A escola em discurso direto</b> .....	11
<b>Era uma vez.... e o final abre boas perspetivas de todos viverem felizes para sempre</b> .....	13
<i>Reflexões</i> .....	16
<b>Da viagem à meta viagem: reflexões sobre as viagens de uma organização</b> .....	16
Cenário Otimista.....	18
Cenário Moderado .....	18
Cenário Ilusório.....	18
Cenário Aventura.....	18
<b>Ensinar, o quê; aprender, o quê?</b> .....	19
<b>O dizer literário: uma forma de construção da identidade da Escola Oliveira Júnior</b> .....	21
<b>Os cursos CEF e escola inclusiva</b> .....	22
Cursos CEF e escola “fácil” .....	24
<b>Reflexões profissionais</b> .....	26
Por dentro.....	29
<b>Uma experiência de formação parental no Agrupamento de Escolas de Vilela</b> .....	29
<b>Quando a porta da sala de aula se fecha...</b> .....	32
<b>Testemunho do Grupo de trabalho do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique</b> .....	34
<b>Testemunho da equipa pedagógica da Escola Tecnológica e Profissional de Sicó</b> .....	36



**CATÓLICA**  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO



---

<b>Estratégias.....</b>	<b>38</b>
<b>Experiência em trabalho colaborativo – 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário.....</b>	<b>40</b>
<b>Uma experiência de trabalho colaborativo de uma professora portuguesa na Polónia: Seminário de Contacto em Wroclaw .....</b>	<b>42</b>



## Carta de Apresentação

### Valorizar o trabalho do professor, para valorizar o ensino:

#### **“Os bons professores, fazem as boas escolas”**

O Caderno “Desa...fios” é a mais recente aposta, em termos editoriais, do SAME – Serviço de Apoio à Melhoria das Escolas. Tendencialmente mensal será uma confluência de ideias e contributos, um espelho de histórias marcadas pela experiência profissional, pelo conhecimento, pela inovação, pelo sucesso, em nome de um objetivo maior: ensinar crianças e jovens.

Geramos conteúdos e organizamos informação, tentando ir de encontro às necessidades de comunicação reflexiva de uma classe profissional que tem construído a sua prática docente mais solitária do que solidariamente.

Acreditamos que “Desa...fios” será um espaço de encontro virtual onde os professores se sentirão “em casa”, onde existirão laços profissionais daqueles que, mesmo com visões diferentes de modelos educativos, partilham a mesma determinação na vontade de melhorar resultados, mas sobretudo percursos.

*Ana Paula Silva*

## Linha Editorial

A linha editorial será baseada na diversidade de testemunhos de conhecimento, de experiência profissional e de inovação. Os artigos de “Desa...fios” cobrirão uma ampla variedade de tópicos, privilegiando as práticas pedagógicas, a supervisão e a liderança educativa. Vocacionada para servir de malha relacional tecida pelos colaboradores e pelos professores das escolas com protocolo SAME da UCP, aposta na transversalidade das temáticas educacionais pois professores e alunos são seres em circunstância e a educação é a maior das circunstâncias (e a mais poderosa das condicionantes).

Para além da recolha dos testemunhos da experiência profissional dos professores, a publicação englobará também artigos científicos específicos, de opinião e artigos de fundo baseados em macro temas educacionais. Pela atualidade, oportunidade ou pelo relevante interesse serão feitas entrevistas e reportagens.



Eventualmente, artigos que possam versar sobre outros temas poderão ser avaliados para publicação, caso o assunto seja considerado de interesse para os professores.

## Objetivo

Dar voz aos professores que, de uma forma comprometida e implicada, (re) encontram todos os dias a motivação para fazer mais e melhor. Para aqueles para quem ser professor é muito mais do que uma profissão. É a sua forma de estar na vida.

## Editorial: José Matias Alves

Seremos as sementes de um futuro que assume a esperança. Seremos as vozes de todos os que não desistiram de a ter. Seremos as paisagens que nos animam. Seremos as evidências de que os professores são os construtores de futuro (são o futuro).

E as escolas serão aqui os lugares frágeis e fortes de promessas cumpridas, de oportunidades realizadas, de vontades que se entrecruzam para edificar mais comunidade.

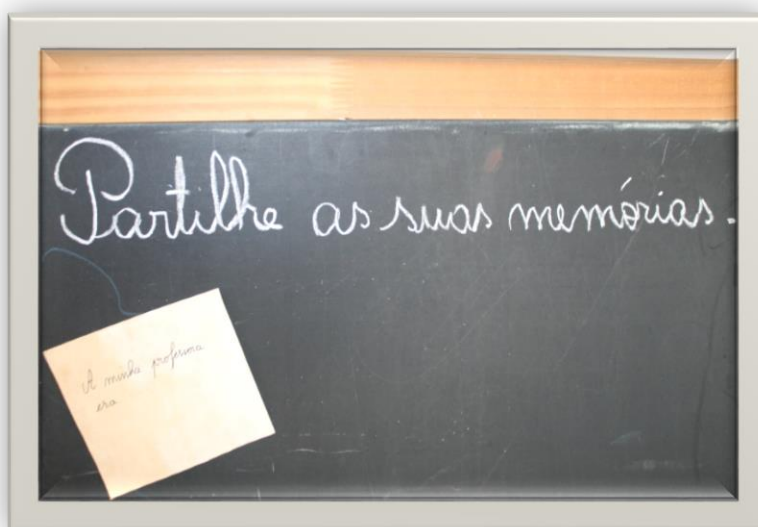
Nós não podemos abandonar a certeza de que pedagogia é a *arte da possibilidade*. A arte da humanidade.

Por isso, número a número, aqui estaremos com um alargado conjunto de autores. Para fazermos alguma diferença (que é o sal da terra). Para afirmarmos os nossos saberes e os nossos poderes de transformação.



## De dentro:

### *Retalhos da vida de um professor*



## Memórias de um professor

Chega uma altura na vida em que olhamos para trás e aquilo que nos pareceu “já ali” foi basicamente há algumas dezenas de anos. Recordo-me perfeitamente, intimidado ao início, assustava-me a maneira como olhavam para mim, no seu ar inocente e pueril, as crianças de uma escola situada nas Caldas das Taipas. Crianças, a quem a curiosidade de saber quem eu era, interromperam o seu intervalo. Após as suas insistentes tentativas de aproximação, gritaram alegremente; o professor novo, o professor novo. Apercebi-me que o que sentia não era medo e que o sentimento que crescia no meu íntimo, era afinal algo que poderia alterar a minha vida.

Naquele dia em que tinha entrado no mercado de trabalho e conseguido uma estabilidade económica, intoxicado pela confiança que irradiava no olhar que me foi dirigido por aquelas crianças, alheando-me de todo o resto e sem me aperceber, troquei o emprego conseguido, pelo ser professor. Um momento em que o meu eu considerou como perfeito, o começo de uma relação dinâmica que se iria construir a pouco e pouco, sem a simplicidade de algum modelo linear do “eu quero-vos ou não vos quero”.





Com dúvidas e insegurança, fui caminhando na oportunidade da conquista de novas experiências que só as crianças nos proporcionam, as quais sempre me fizeram bem. Sucessivos anos letivos, época de refletir quanto ao que passou e o que desejamos para o futuro.... Um bom momento para recomeçar.... Que os sonhos das crianças abraçam numa real felicidade, sem nunca perder a certeza de que vale a pena ser professor....

Sem me aperceber, o tempo passou, os dias foram correndo e agora que abro os olhos para a realidade vejo que já passaram muitos anos e começo a avistar o final da carreira. Volta tudo de novo.... As preocupações e a incerteza daquilo que me aguarda, a reforma para a qual sou empurrado pelas políticas aplicadas.

Trabalho e em breve direi, trabalhei, numa profissão que me completou e permitiu viver momentos lindos, únicos e inesquecíveis, com aquelas pessoas que aprendi a amar pela sua alegria contagiante, alicerçada numa simplicidade de vida, para quem, a mesma não é complicada.... Tão cheia de preocupações, dúvidas e incertezas; " As crianças".

Ficam muitas recordações que foram oportunidades de crescimento e evolução e, em pessoas como eu, que vivem o presente sem nunca esquecer o passado, um passado contribuidor desse mesmo presente, onde sair de casa para trabalhar é banal, a menos que se tenha a nossa escola próxima. Ali à mão do gostar dela. Um gostar, que faz descobrir uma escola dentro da escola, sempre a mais-valia de qualquer professor. Para além dos epítetos. Um deles, o de minha escola ou de esta é a minha escola. Para quem pensar em escolas por defeito profissional vale a pena. Para quem quiser por elas somente passar, não vale de nada olhar para as coisas e para os seus rótulos, como se de produtos se tratassem e dizer: Ah, eu hoje vou à minha escola! Não é inteligível, não é prático não é nada.

Pessoalmente, a nova situação, consignada na revitalização da passagem a 2.3+S foi a grande novidade dos 25 anos da sua existência (a minha escola, tal como eu, também tem fases de crescimento ... oh meu deus como somos comuns!), passando a fazer sentido na cidade, outrora, vila de Rebordosa. Foi idealmente tão bom assumir o passado e as memórias da minha E.B.2.3 sentindo a nova extensão sociológica na sua farpela 2.3+S, dentro do mesmo espaço de há 25 anos atrás, mas com outros alunos, colegas e funcionários, mas, com alguns dos mesmos professores. Como vai ser a entrada na nova, minha velha escola? Já de algum modo gasta por tantas solas que lá passaram carregando as pessoas; pessoas e outras pessoas com pegadas tão diferentes ao longo destes 25 anos e eu na minha pegada banal, chegado ao renovado largo de S. Marcos ou Livração e vendo a minha velha EB 2.3 a dar-lhe dignidade, sou contagiado pelos sentidos. Levo um dedo à boca e provo a sensação .... O palato agradeceu, os ouvidos riram de felicidade ao captar o ritmo próprio (um chilrear próprio de uma primavera constante) de quem faz um pedaço da minha vida melhor, enquanto eu percebia que não sendo obrigado a dizer que sim, mas



.... Acontece! Vou cruzar a entrada com uma claridade enorme na alma e se a minha escola falasse, talvez vos contasse porquê?

Mas, por algum motivo chegam sempre as nuvens da contrariedade ou simplesmente da certeza de que na vida tudo muda, porque sim e porque também.

O encarar a vida como um espaço de transições sempre me ajudou a seguir em frente. Este estado de espírito permitiu-me encarar o sobressalto dos “Megs”, não a atividade normalmente constante no plano anual de atividades do grupo disciplinar de educação física, que tanto jeito dá, quando se quer iniciar um pouco mais cedo as reuniões de avaliação de final de período letivo, sem sofrimentos antecipados.

Mas quando a realidade surgiu, qual pedra de dominó caída do puzzle da vida, todas as outras, peça por peça, ficaram num equilíbrio instável. Vazio na ingenuidade emotiva da ilusão, portei-me de forma racional e educada, mas o que eu não queria era ter que fazer o “luto” pelo fim da minha identidade. Nu e vazio, cheio de peças caídas, aquando da certeza que o tinha que fazer. Resignado no confronto próprio da passividade e conformismo de procedimentos, no deixa andar porque há alguém que no momento próprio num passe de mágica de fazer inveja a um qualquer “Luís de Matos” tira um coelho da cartola, ficando a situação resolvida. Mas o mágico, envaidecido pelos aplausos da plateia foi ingénuo e na hora do grande número, da cartola não saiu nada e eu, em êxtase acompanhado pela mesma plateia exclamei: ou eu não sou desta escola ou simplesmente há coisas que eu não entendo! Como se eu não tivesse culpas no cartório. Mas, é claro que também contribui, então não é que aplaudi sempre o mágico.

Sem sequer por uma questão de *timing*, entrar na romaria das grândolas. Apanhei as pedras caídas e voltei dolorido a jogo, pois não existe epidural para este parto.

Apostei o que tinha, a certeza do passado da minha EB 2.3+S e o que não tinha, o conhecimento da ES Vilela. E nesta fase de marioneta no destino da vida, em que a porca da política não dá descanso, que remédio se não estar e viver menos do que se quer e muito menos do que se pode. Não vestindo raiva, nem revolta que não me pertence, mas vivendo de passagem. Uma passagem assente no ritual padronizado de muitas maneiras de estar, multiplicadas por outras tantas que fazem parte das motivações, gostos e das necessidades pessoais de cada um, cujo produto é um compêndio de estilos, proporcionando a sua leitura formas díspares de atuação sem necessidade de esforço para ser diferente. Como escreveu o Saramago: se podes olhar, vê. Se podes ver repara.

Com a coabitação sigo o mesmo guião e o pior um guião que foi escrito por outros e com o qual tenho que passar a identificar.

*José Alberto Lima*

*Agrupamento de Escolas de VILELA*



## A escola em discurso direto

Gosto da Escola (da sua missão nobre...) e gosto particularmente da MINHA escola. A relação de pertença que maiúsculo, nunca a vi abrandada ao longo do meu percurso profissional de três décadas. Questiono-me várias vezes sobre a razão desta afinidade e passando pela frase popular “ Já tens idade para ter juízo...” nela não faço ancoragem e procuro a resposta no facto de vivenciar uma escola em discurso direto: a relação diária com os alunos é feita em diálogo, onde o conceito de autoridade e centralidade, recaindo sobre o professor, não anula o diálogo empático com os alunos; a relação com os pares e os restantes elementos da comunidade educativa faz-se em discurso direto, iniciando sempre com o nome próprio do interlocutor...

Mas, não é tanto o meu exemplo individual que desejo partilhar, é sobretudo a arquitetura duma escola que se construiu com um diretor e com uma equipa em discurso direto. A vertente humana do órgão de gestão completa a sua função de liderança. Inúmeras vezes, ouvi o nosso diretor a chamar à razão por incumprimento de normas, mas muito mais frequentes vezes vi o diretor a procurar o olhar desalentado ou o rosto apagado de jovens que se isolam nos espaços abertos do edifício. A todos sei que delineou um outro horizonte ou ajudou a colorir o existente, a todos desenhou um sorriso e construiu uma esperança. E fê-lo em discurso direto. Já o vi entrar, inesperadamente, em salas de aulas, pedindo licença para interromper, esperando a oportunidade para dizer o que ali o trouxera, tecer um comentário oportuno sobre o que presenciava e finalmente revelar o que o movera ... Caso houve em que, acompanhado por agente da Escola Segura, urgia questionar um aluno sobre uma ocorrência. Ambos, tendo-se dirigido à minha sala de aula e solicitado a saída do aluno em causa, se depararam comigo que, num “acesso” de proteção do aluno e necessidade de perceber o que se passava, afirmei que estava a concluir o estudo de Alberto Caeiro e gostava que o aluno não perdesse. Aguardaram ambos, o diretor e o agente, numa recetividade de aprendizagem e numa delicadeza de trato que os anos nunca fizeram apagar na minha memória. Hoje, certamente, todos os que ali estavam percebem mais adequadamente que “ Amar é a eterna inocência/ E a única inocência é não pensar”<sup>1</sup> [...no mínimo, não pensaram nas razões pouco consistentes que me teriam levado a “reter” o aluno, a pedir a conclusão da matéria ou não quiseram pensar que eu devia, cegamente, obedecer à “ordem”].

---

<sup>1</sup> In *Poema II* de Alberto Caeiro

---

Creio que, num sistema institucional, todos nós somos exemplos e todos nós somos permeáveis a exemplos. Nesta constatação reside a razão da seleção deste caso. A partilha desta vivência, que mais não é do que um recorte no cenário do quotidiano da Oliveira Júnior, permite-me concluir que o segredo é mesmo este: **o segredo é o “discurso direto”!**

*Cristina Marques*

*Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior*



## Era uma vez.... e o final abre boas perspetivas de todos viverem felizes para sempre

Permitam que lhes conte uma história. Era uma vez uma escola, uma professora e quatro alunos, amigos de infância. Os jovens, habitantes de um bairro operário, conheciam-se desde a escola primária (sim, sei que agora se diz básica, mas sinto a palavra como redutora). Havia neles uma cumplicidade gratificante como se de irmãos se tratasse. Sentia-se a amizade que os unia, mas percebia-se também a grande admiração que o João suscitava, ao António, ao Miguel e ao Hugo. Não era inveja, não era falsa lisonja ...era admiração mesmo! Isso percebia-se quando diziam: oh professora quem sabe isso é o João. Oh professora, ele é que é inteligente!

Consciente desta liderança concedida, o João explorava essa admiração seguindo para todo o lado com o seu clube de fãs. Não o fazia com soberberia, nem com deboche, fazia-o pela satisfação que o seu ego sentia. Os amigos compravam-lhe a senha para o almoço, guardavam-lhe o lugar na fila do bar, deixavam-no decidir programas para o fim de semana.

Na escola, partilhando a sala de aula, formavam um grupo sempre coeso, onde nenhum outro colega podia aspirar entrar. Não hostilizavam os outros colegas, simplesmente eram ciosos do seu espaço de cumplicidade e afeto. Em suma, só entrava quem partilhava a mesma história de vida.

O João era bom aluno e não tinha problemas disciplinares. Se ocasionalmente era chamado à atenção por qualquer distração, logo três D. Quixotes, de trazer por casa, de lança em riste, clamavam que era injusto....o João não! Nunca ...em tempo algum!

Dos restantes três amigos, um tinha efetivamente dificuldades de aprendizagem e os outros dois eram alunos medianos com dificuldades pontuais, numa ou outra disciplina.

Um dia a professora entregou os testes de avaliação e percebeu que o António, o Miguel e o Hugo, festejaram a boa nota do João, aceitando com indiferença a expetável nota com que se contentavam. O João nem comentou os desaires dos amigos. Ficou apreensiva. Não, pela camaradagem dos que se congratularam, mas com a falta de consideração do João.

Era difícil não gostar do João. De trato simpático e empático, sempre de sorriso pronto e gesto dócil, o João desarmava qualquer consideração desagradável. Bom em tudo a que se propunha, do desporto às tarefas experimentais propostas, era o aluno que todos os professores desejam.



Só que o seu ego estava a crescer mais depressa do a sua estatura e a notória atenção das meninas da turma não ajudava a trazê-lo de volta à dimensão terrena caminhando, quase sempre, nas nuvens dessa admiração.

Naquele dia, depois da entrega dos testes, a professora encontrou o João, excecionalmente só nas escadas exteriores da escola esperando o seu pai. Sentou-se com ele e perguntou-lhe: João como te sentes com os resultados negativos dos teus três amigos? Oh professora, eles que estudem que eu também estudo! Eu não preciso de estudar muito. Se eles precisam mais, que estudem mais! A responsabilidade não é minha!

Tens a consciência que eles te veem como líder? Continuou a perguntar a professora. Sim, claro - responde o João. Mas não faço nada para isso - acrescenta, eles é gostam que eu diga o que devem fazer.

Ao aceitar e assumir essa liderança deves aceitar e assumir todas as responsabilidades que decorrem dela, João, disse-lhe a professora. A maior responsabilidade de todas é aquela cuja ação tem consequências que transbordam o individual, que podem alterar as vidas dos que nos escolheram como líder. Fugir dessa responsabilidade é não ser digno da amizade dos teus três colegas. Se eles falham e não fazes nada para os ajudar, também falhas como amigo e como líder.

Nunca tinha pensado nisso dessa forma, disse o João. Que acha que posso fazer? Perguntou o João à professora.

Ela olhou para ele e viu sinceridade. Como suspeitava, a indiferença do João não se devia a uma autoestima egoísta, mas a um convencimento assumido de: cada um deve lutar pelo que quer, como ele! Essa é a obrigação de todos. Então, calmamente e com um tom amigo disse: João líder não é quem quer é quem consegue, atrair a si, a confiança dos que o escolhem como líder e que lhe permite apontar caminhos, “des-velar” outras vias, incentivar desafios, desafiar para a participação em projetos em que acredita ou em aventuras onde só uma equipa pode ousar “mergulhar”. E tu tens o dom natural de gerar empatia, confiança e cumplicidade. Usa isso, não só a teu favor, mas em favor dos outros, mobilizando-os para procurar o seu melhor, para “des-cobrir” o que ainda não foi percebido por cada um. Lembras-te do que dissemos sobre a “maiêutica” socrática? Como à semelhança da sua mãe, parteira, Sócrates tentava trazer “à luz” a insuspeitada inteligência até dos que a sociedade considerava escravos? Se quiseres podes efetivamente fazer a diferença na vida dos teus amigos e assim fazer da tua vida uma vida com um maior significado. Saber que o êxito dos teus colegas é, em parte, uma forma de excelência da tua liderança, pode ser a tua maior lição de vida.

Na escola às quartas-feiras de tarde, era um tempo de reuniões de trabalho para os professores e por isso sem atividades letivas. O João organizou uma tarde de apoio aos colegas em sua casa. O uso dos computadores ainda era incipiente, mas o João organizou uma rede de colaboração que passava pelo



telefone, as tarefas que os colegas se comprometiam a fazer e que eles “corrigia”. Nas semanas de maior fluxo de testes escritos o João convidava os colegas a estudar ao sábado e disponibilizava-se para ajudar individualmente qualquer dificuldade específica de qualquer dos amigos em particular.

Por motivos de desaire familiar, um dos colegas começou a percorrer caminhos perigosos que o levariam ao vício e à delinquência (onde já se encontrava o irmão mais velho que tinha abandonado precocemente a escola.). Com ajuda dos amigos, sobretudo do João, que não o abandonaram, ele reorientou a sua vida e todos entraram no ensino superior.

Já passaram mais do que duas décadas e o tempo tende a consolidar o que é bom mas, por vezes, até as mais sólidas amizades não resistem à sua erosão. No entanto há uns meses o João encontrou a sua antiga professora numa superfície comercial e disse-lhe que tudo mudou para ele naquele dia em que sentados nas escadas falaram da amizade e da liderança e como estas se completam.

Hoje ele tem uma próspera empresa que só resiste à presente crise socioeconómica, porque tem três amigos que colaboram com ele. Eles sabem que o sucesso de cada um é o sucesso de todos e conseguem efetivamente acreditar que o seu projeto terá um final feliz.

*Ana Paula Silva*

*Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique*

## Reflexões

*Um espaço onde os professores possam refletir sobre o que os preocupa ou o que anseiam  
profissionalmente*



## Da viagem à meta viagem: reflexões sobre as viagens de uma organização

*Nenhum vento é favorável para um barco que anda à deriva. E anda à deriva se não existe um projeto concreto de viagem, se não há forma de controlar o barco ou se não estamos a navegar na direção correta.*

Santos Guerra [2002]

Sempre que nos propomos iniciar uma viagem, seja ela de que índole for, deveríamos contemplar uma série de condições, conceber uma espécie de *checklist*, ou, em alternativa, seguir a máxima «*quem vai para o mar, avia-se em terra*». Numa organização de âmbito escolar, se apontamos para um caminho que pretendemos percorrer, convém, antes de mais, *tomar o pulso* às condições, organizar e sistematizar traços que compõem a realidade com que nos deparamos, conhecer o que somos e como somos, as nossas forças e debilidades, o que nos condiciona ou potencia.

Mas, cumpridos estes requisitos, estaremos prontos para encetar a viagem? Não, não estamos. Precisamos ainda de avaliar o que fomos até aqui, de conhecer o caminho percorrido, a viagem feita e o





que ficou no diário de bordo. Saberemos melhor para onde ir, se soubermos de onde vimos. Perguntem aos historiadores o quão importante é sabermos do passado, e eles responderão afirmando que «*o que somos é produto do que fomos*». Estaremos, então, finalmente, em condições de iniciar a viagem? Não, há agora que estabelecer um ponto de chegada no nosso destino, pois, se ouvissem o historiador até ao fim, ainda apanhariam o resto da frase, «*o que fomos e somos projeta-se naquilo que queremos ser*». Há, portanto, que definir algo que nos propomos a atingir, um desígnio organizacional que responda por um comprometimento coletivo.

Mas, afinal, porque temos que partir? Que mal tem este *porto de abrigo*? A ânsia da viagem está no devir, lei universal que nos impele para a mudança.

Escolhido o caminho, preparada a viagem, estabelecida a meta, há que levantar âncoras. Sem grandes ilusões, *step-by-step*, as dificuldades ainda agora estão a começar. Na viagem, vamos encontrar todo o tipo de obstáculos, encruzilhadas, terrenos lamacentos, falsas indicações, até sabotagem. Aham que há verdadeira viagem sem agruras? Apelemos, então, à resiliência da organização e daqueles que a compõem. São os inconvenientes que alimentam a capacidade de uma organização em transformar as adversidades em oportunidades, o esforço é compensador, a intensidade que aplicamos na superação das dificuldades traduz-se em cimento organizacional, «*o que não nos mata torna-nos mais fortes*».

A viagem vai a meio. Há motins, e os amotinados querem regressar, já não acreditam que seja possível levar a viagem até ao destino. A organização enfrenta o maior dos desafios: quantas viagens sucumbiram face à descrença? Nestas alturas, podem valer-nos as lideranças intermédias ou de proximidade que, se estiverem com o líder, hão-de levantar ânimos, renovar energias, levar a acreditar, envolvendo os diferentes grupos de sensibilidade. E o líder? Se for o verdadeiro líder, mesmo que se sinta só, deve socorrer-se das qualidades que o colocaram no topo da hierarquia, e, acometido pelo desígnio da organização, obstinado por natureza, dever ir em frente, esperando que o sigam. A sua capacidade de ressonância está em jogo, se for ressonante não falha! Este é o tipo de líder que é capaz de «*subir à árvore mais alta da floresta e exclamar: malta! Estamos na mata errada!*», e se, estiverem todos com ele, se sentirem que são ouvidos, que há uma cultura organizacional, então aí estarão reunidas as condições para resolver qualquer motim ou tentativa de cartelização de interesses ou insensibilidades.

Líder, lideranças intermédias, soldados, todos sendo partes de um todo, em que a sua soma o supera. Deve ser esta a filosofia de uma organização em viagem, transportando consigo valores, identidade e normas que sejam assimiladas por todos, conferindo-lhe autenticidade e carácter único.

Nesta viagem e nas metas que se estabelecem como destino, podemos ser confrontados com vários cenários, de forma prospetiva, torna-se necessário o vislumbre de alguns.



## Cenário Otimista

A organização desenvolveu todos os esforços e chegou à meta estabelecida.

Estamos todos de parabéns, êxito total para a reconstrução coletiva. Depois das justas alvíssaras, há que empreender nova caminhada, pois novos desafios se levantam. Ou seja, por mais que se alcancem metas, numa organização aprendente, existe sempre a necessidade de reconstruir uma realidade, onde a marca mais profunda é a da mudança, cada vez mais veloz, e para a qual temos que arrepiar caminho, pois o caráter volátil dos mecanismos que arquitetam a organização são uma demanda fatal.

## Cenário Moderado

A organização desenvolveu todos os esforços, no entanto, ficou aquém da meta estabelecida.

Não há necessidade de entrar em pânico: nada que um bom plano de contingência não resolva!

Como é óbvio, a organização, mesmo munida de um bom plano de viagem, não pode diferenciar-se do meio em que se move, dos imponderáveis e das vicissitudes. Há que redobrar energias e que *partir para outra*. Outra viagem, outro plano, outra meta, a mesma vontade! Não há viagens iguais, e esta será diferente. Aposto que aumentaram as probabilidades de, desta feita, a viagem ser coroada de sucesso, porque a organização evoluiu, está agora numa outra fase de maturação, tem mais antídotos.

## Cenário Ilusório

A organização está espartilhada e o espartilho são as sucessivas balcanizações.

E se nunca chegámos a partir, e se ainda estamos amarrados ao porto e se o peso da organização inviabiliza qualquer tentativa de estabelecer um plano de viagem, e se o medo de partir nos impele para o cais? Bem, poderemos sempre *fazer-de-conta*. Faz-de-conta que temos um plano de viagem, faz-de-conta que estamos em viagem, faz-de-conta que vamos para algum sítio, embora não sabendo bem para onde, mas vamos. Depois, quando alguém exterior à organização nos vier acordar, abortando o nosso destempero onírico, aí sim, vamos reconhecer a necessidade romper com o espartilho, porém a más horas.

## Cenário Aventura

A organização é demasiado *naïf*, pejada de niilistas envoltos em cíclicas *bravatas*.

E se fizermos a viagem sem recorrer a um plano, a um roteiro que nos permita chegar a uma meta.

Será isto possível? Qualquer organização pode iniciar, desenvolver e terminar uma viagem nestas condições. Isso tem um nome, é aventura! Acontece que, nestas condições, reduzem-se as hipóteses de



sucessor, poderemos, até, ficar sempre em mar revolto, à deriva. Aumenta o espírito de aventura, é verdade, mas esfumam-se as hipóteses de conferirmos sentido à nossa viagem.

Na viagem desta organização, por forma a garantirmos os cenários ideais e melhorarmos as hipóteses de êxito, há que considerar *portos de abrigo*<sup>2</sup> aos quais teremos recorrer para reabastecimento. *Shared Vision* (visão, missão, valores e objetivos partilhados por todos em diferentes níveis), *Systems Thinking* (sistema visto como um conjunto de forças interrelacionadas), *Mental Models* (mapas mentais e perceções que temos sobre os processos organizacionais), *Personal Mastery* (habilidade e vontade em compreender e trabalhar com as forças que rodeiam o indivíduo) e *Team Learning* (um conjunto de pessoas que precisam umas das outras para obter um resultado). Reparem só como é importante sabermos que precisamos uns dos outros.

Uma organização de âmbito escolar deve estrutura-se na perspetiva de que o seu processo aprendente tenha um significado estratégico, que permita assegurar a inteligência competitiva necessária à sua capacidade de reconstrução de realidades e nos diferentes contextos em que se vai movendo. Sendo certo que a viagem é inevitável e necessária, que seja, já agora, uma metaviagem, algo de transformador para todos e para a organização, pois, quando chegarmos a uma qualquer meta, seremos outros, a organização será diferente, mais eficiente e mais capaz de se renovar em novos propósitos.

Emídio Baptista

Agrupamento de Escolas de VILELA

## Ensinar, o quê; aprender, o quê?

Pitágoras, filósofo e matemático grego, do século VI antes de Cristo, terá afirmado: “Educai as crianças, para que não seja necessário punir os homens.” Qualquer sociedade que se preze, e que se pretenda futurista, deve, antes de qualquer coisa, investir na educação. Sem conhecimento e sem identidade não há passado nem presente e, muito menos, haverá futuro. O futuro é uma promessa que está sempre por cumprir, mas só poderá ser cumprida por aqueles que justificam o investimento na educação – as crianças e os jovens. Se cada família, das mais modestas às mais endinheiradas, procura investir as suas poupanças na educação dos seus filhos, é lamentável que, muitas vezes, os governos não

<sup>2</sup> De acordo com Peter Senge, *The Fifth Discipline* (1990).



tenham o mesmo. Pitágoras já o sabia, e nem a crescente valorização da autoaprendizagem fomentada pelas novas tecnologias pode fazer ignorar esse iniludível argumento – *não quereis punir os adultos, educai convenientemente as crianças*. Era isso que os gregos procuravam fazer. Em termos históricos houve, certamente, poucos adversários à altura da magnificência da *paideia helenística* e de todas as influências que daí advieram para a civilização ocidental. *Paideia* (do grego *paidos* - criança) significava originalmente "criação de meninos", mas acabou por significar o ideal educativo grego – formar o homem e o cidadão.

Esse ideal educativo era em tudo muito diferente do que hoje por aí se propala como fundamental - aprender apenas Português e Matemática; como defendia o velho sábio, quem “só disso sabe nem disso sabe”. A educação deve exigir muito mais que isso, mesmo que só isso seja já muito. A educação dos nossos jovens deve ser uma educação para os valores, para aquilo que se entende como valioso em si mesmo e não apenas valioso para exercer determinada profissão ou para viver em determinada época. É certo que não sabemos o que queremos se não especificarmos o que valorizamos. Educar para quê? Educar para a leitura e para o cálculo; para a liberdade e para democracia; para a tolerância e para a solidariedade; para o belo, para a saúde, para a defesa do ambiente, para a felicidade... E para tantas outras coisas. É urgente analisar tudo isso, escolher e só depois promover. O ideal educativo grego, que pecava pela falta de aplicação universal por não abranger as mulheres, os estrangeiros e os escravos, tinha certamente o mérito de apontar para uma grande diversidade de aprendizagens que ajudavam a tornar o homem cidadão e sábio - desde a música à ginástica, passando pela geometria ou pelo domínio da língua.

Hoje, é urgente retomar a reflexão acerca dos verdadeiros ideais educativos, dos valores que possam ser considerados mais trans-subjetivos e menos circunstanciais: Pois, como bem lembrava uma personagem da “*Aparição*” de Vergílio Ferreira, “(...) se através dos tempos o homem pensasse apenas na utilidade prática, hoje não seria um homem, seria um parafuso (...)”. Eu acrescentaria mais alguma coisa - se às nossas crianças ensinarmos apenas o útil para conseguir singrar no mercado de trabalho, em breve teremos apenas ilustres escravos, escravos que conhecem bem as instruções e as regras que regulam a sua escravatura.

Duarte Nuno



## O dizer literário: uma forma de construção da identidade da Escola Oliveira Júnior

A Escola Oliveira Júnior tem um historial alicerçado numa dimensão cultural muito atreita à literatura e ao teatro. A linguagem artística sempre teve, neste estabelecimento de ensino, uma realização que ultrapassou os limites das cartolinas afixadas ou das atividades intramuros. A tradição teatral, a revista literária e o Jardim dos Poetas são exemplos que destaco.

O **grupo de teatro TOJ** tem a idade da escola e orienta-se por uma filosofia dramática individualizada que nunca perde de vista a missão da escola – ensinar, formar, construir. Orgulhamo-nos ao constatar que o TOJ (Teatro Oliveira Júnior) é uma referência ao nível concelhio e que muito tem contribuído para a articulação da escola com o meio e para a visibilidade do agrupamento. Este grupo, para além da participação no Festival de Teatro de S. João da Madeira, prepara o acolhimento aos vários escritores que recebemos, estudando a sua obra e oferecendo-a em percursos de leitura e linguagens artísticas variados e tem sido escolhido para dinamizar eventos extra-escolares, no âmbito de atividades como “Poesia à Mesa” ou lançamento de novidades editoriais.

Recentemente foi criado o grupo **A bem dizer** (cerca de 12 docentes e um agente da Escola Segura) que assegura uma participação “transgressora”, nas várias edições do Festival de Teatro, consolida a nossa veia artística e dramática e afirma a nossa boa disposição nas lides profissionais.

Através do **Jardim dos Poetas**, intemporalizamos a presença dos escritores, inscrevendo num azulejo um fragmento da sua obra e semeando uma planta, escolhida pelo escritor, que alberga uma história ou um núcleo temático da sua obra.

A reestruturação e requalificação que a escola sede sofreu, intervencionada pela Parque Escolar, obedecendo a parâmetros arquitetónicos e decorativos pré-estabelecidos, não ditou o desaparecimento do jardim. As pedras que constituíam as várias frações foram soterradas e viram a luz num retalho natural, pensado para o efeito. O Jardim dos Poetas resistiu à sanha uniformizadora dos edifícios escolares restaurados!

O Jardim é, neste momento, um registo literário e sazonal. Obviamente que as estações do ano aí deixam as suas marcas indeléveis, mas este espaço atrai e aglutina, de modo diferente, os nossos alunos. No outono, aquando do regresso às aulas, é procurado pelos mais novos, na ânsia de dar continuidade ao recreio da escola do 1º ciclo e na necessidade de preservar os jogos que pedem corrida, ramos de árvore e



escondidas; na primavera, procuram-no os agentes do amor adolescente e juvenil, encontrando nas flores e nos bancos rústicos, o eco das ternuras e da linguagem poética; no verão, o jardim convida as últimas aulas para a sombra dos plátanos e para o contacto com os “ zéfiros [que] brinca[m] por entre as flores” e serve de cenário para as fotos que encerrarão memórias dos grupos-turma.

A revista literária “D’Outrum Lamment”, que existe há uma década, dá voz e divulgação aos escritores do agrupamento. Associa o trabalho de escrita de alunos e professores ao trabalho fotográfico do Clube de Fotografia. Outro mérito tem esta revista: consegue manter ligado umbilicalmente o grupo de alunos que a desejou e a concebeu. O *design* gráfico continua a ter uma preponderante colaboração de um ex-aluno e os escritores, que seguiram outros rumos, nela participam esporadicamente. Destaco ainda uma rubrica que esta revista manteve viva em várias edições: “Elásticos”. Trata-se de um exercício de escrita criativa que deve o seu nome a um elástico que teimou impor a sua presença numa reunião editorial. O primeiro “Elástico” foi grito existencial num poema minimalista e viu-se heteronimizado em manifesto, ode, soneto, experimentalismo gráfico, registo confessional... Acreditamos mesmo ter criado um “ismo” literário, porque falar em **Elásticos**, na Oliveira Júnior, não é falar de elásticos...

Estes são exemplos de práticas que, interagindo com o fenómeno literário, nos mostram que há outra *dimensão* para o que se aprende em sala de aula e muitas formas de SER escola.

Cristina Marques

Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior

## Os cursos CEF e escola inclusiva

Há algumas décadas atrás era fácil definir qual o papel que a escola deveria ter na sociedade – todos os autores referem que a escola ajudava à integração no tecido social-laboral, a escola promovia socialmente, ao mesmo tempo que preparava para a vida ativa.

Nessa altura o aluno que não se adaptasse ao ritmo de aprendizagem imposto pelo professor, revelando-se incapaz de progredir e adquirir o que lhe é imposto, poderia e deveria ser excluído.

Surgiu assim o **quociente de inteligência racional** - Binet e Simon conceberam a primeira Escala de Inteligência encomendada para seleccionar os alunos das escolas públicas que não acompanham o ritmo de ensino.

E é este o conceito de Escala, de medida que excluirá muitas crianças e jovens do sistema de ensino e que criou a cultura do “Insucesso Escolar”.

A escola seleccionava os “mais fortes” e só uma elite progredia e obtinha sucesso.

Acontece que, com a massificação do ensino, em 14 de Dezembro de 1960 a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação aprova uma convenção relativa à luta contra as discriminações na esfera do ensino. Essa ideia de uma Escola para todos é claramente reforçada em 1994 com a Declaração de Salamanca. Nesta Declaração evoca-se novamente o direito à educação de todos os indivíduos proclama-se o direito da criança a uma educação e a um nível aceitável de aprendizagem, reforçando o direito que cada uma das crianças tem em ser respeitada quanto às suas características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem próprias.

A conceção de uma Escola Inclusiva cujo princípio fundamental consiste em todos os alunos **aprenderem juntos sempre que possível**, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentam procura uma Educação para a Cidadania

O método de avaliação, numa escola inclusiva, pressupõe que o professor considere que não existe uma única forma para avaliar as aprendizagens, nem que todos os alunos têm que ser avaliados do mesmo modo e com os mesmos instrumentos.

Para uma escola ser verdadeiramente inclusiva, o que se ensina e o que se avalia?

– a inteligência racional, através de testes, os conhecimentos académicos?

- ou a inteligência emocional, as competências sociais, que o levem a integrar-se com sucesso na sociedade?

É evidente que a escola, como está organizada, centra-se nos conhecimentos académicos e não dá ênfase às relações interpessoais, à capacidade de negociação e resolução de conflitos e a todas aquelas competências que hoje as empresas procuram em primeiro lugar.

Isto é, a escola quer ser inclusiva, mas continua a querer seleccionar os alunos com base em algo que nem todos possuem na medida exigida pelos currículos e que não é suscetível de aumentar pelo treino (a inteligência racional).

Nesses desfasamentos estão grande parte das causas do abandono escolar.

Na verdade, o mundo evoluiu, e de, uma lógica do saber e do saber fazer, as empresas de recrutamento de recursos humanos, perante a massificação do ensino, passaram para uma lógica de saber ser/estar, isto porque as empresas valorizam hoje mais as competências sociais e afetivas em detrimento das competências cognitivas ou intelectuais.

Existe assim desfasamento entre o que o mercado procura e o que a escola ensina e avalia.

Claro que a escola tem aproveitado as aulas em que se leciona e avalia competências relacionadas com a inteligência racional (conhecimentos académicos), para avaliar atitudes e competências relacionadas com a inteligência emocional.



A escola, centrada nos conhecimentos académicos, não está organizada para se inclusiva, mas pode ajudar a combater a exclusão social, se garantir aos jovens competências de saber ser/estar e de inserção na vida ativa.

### Cursos CEF e escola “fácil”

A criação dos CEF, e outros “currículos alternativos”, parece contrariar as regras da escola inclusiva, desde logo porque separa os alunos em risco de abandono escolar de todos os outros.

E aqui coloca-se a questão de saber se os cursos CEF não serão uma forma de exclusão social.

Que a sociedade lhes atribui, e aos formandos que os frequentam, uma conotação negativa é um facto.

Todos sabemos que, diferentemente da sociedade medieval, na qual quem nascia servo morreria servo, não tendo a possibilidade de lutar por direitos e pela oportunidade de mudar de classe, na sociedade ocidental contemporânea isso já é possível, e a mobilidade social (a passagem de um indivíduo ou de um grupo de uma posição social para outra) deu-se especialmente como consequência dos investimentos na educação e na formação e capacitação para o trabalho possibilitando que os filhos tenham melhor situação social que os pais.

Certo que não é qualquer educação que consegue esse resultado – o drama é que só a escola exigente inclui e promove a ascensão social. Largadas numa escola “fácil”, as crianças que não têm mais nenhuma alternativa, nunca irão suprir as insuficiências de que padecem logo à partida, agravando-se ainda mais a desigualdade social.

As escolas que ministram cursos CEF não são vista como escolas exigentes. São desprestigiadas socialmente, muitas vezes até pela própria classe docente.

É esse o drama dos CEF – será que um “currículo alternativo” promove a inclusão social?

A resposta passa pelas razões do insucesso escolar nestes cursos.

As causas são recorrentes:

- A falta de aproveitamento tem a ver com uma atitude de desleixo, de falta de empenho e de perturbação permanente que as turmas exibem nas aulas.

É notório que as principais dificuldades da esmagadora maioria dos formandos se colocam ao nível das atitudes e comportamentos, porque faltam aos alunos competências de saber ser /estar.

Também sabemos que sem resolver essas lacunas, diríamos de carácter, nada se poderá alterar ao nível de conhecimentos e competências académicas.

A escola é um reflexo daquilo que é a sociedade onde está inserida e sabemos bem de onde nos chegam estes alunos.





E também estamos fartos de saber que o que distingue aqueles que atingem o topo, de todos os outros com capacidades iguais é o grau em que, começando muito cedo na vida, são capazes de dedicar-se a um treino rigoroso e árduo durante anos e anos seguidos. É esta ética de trabalho, traduzido em mais motivação, mais zelo e mais persistência, que cria uma vantagem emocional decisiva no sucesso futuro do indivíduo e da sociedade em geral.

O problema que enfrentamos nas turmas CEF é muito maior do que uma “simples” falta de aproveitamento escolar.

O problema é que se encontra um conjunto muito grande de alunos que não revelam possuir quaisquer hábitos ou métodos de trabalho e denotam uma total falta de responsabilidade, nomeadamente faltando sistematicamente às aulas, a que acresce o facto de que ainda não interiorizaram, por lacunas do seu processo formativo, competências básicas de saber ser/estar, continuando a achar estranho serem chamados à atenção por tentarem sair da sala, sentarem-se em cima das carteiras, berrar, comer ou brincar com o telemóvel na sala de aula...

Essa falta de competências sociais, associada à dificuldade em entender e cumprir ordens e instruções, a não ser colmatada, vai impedi-los de encontrar emprego em que seja exigida alguma autonomia e responsabilidade, atirando-os para os «Mcjobs» ou para a exclusão social.

O principal problema a resolver é levar os alunos a pensar o futuro - devem entender que **sem uma ética de trabalho, traduzida em mais motivação, mais zelo e mais persistência**, terão menos hipóteses de se integrarem com sucesso na sociedade.

Têm que perceber que o curso não é “oferecido” pela simples inscrição nas aulas, mas que exige, como na vida real, esforço, dedicação e trabalho.

Diriam os mais céticos que não é depois dos 15 anos que se começa a treinar, mas certamente que devemos envidar todos os esforços no sentido de transformar as atitudes destes alunos.

Aí estará o sucesso dos CEF, corrigir os comportamentos anti-sociais e levá-los a adquirirem atitudes, comportamentos e competências que lhes permitam interagir de forma socialmente aceitável com os outros.

Se conseguirmos isso, estaremos a combater a exclusão social e a contribuir para o seu sucesso escolar, pessoal e social.

Na verdade, com a complexidade atual do mundo de trabalho, não podemos ter a pretensão de que, só com o 9º ano, os alunos vão encontrar trabalho a exercer as profissões representadas nos cursos CEF, com a provável exceção da Serralharia Mecânica.

Mas com o 9º ano e reconhecidas competências de saber ser/estar certamente serão possuidores de uma mais-valia decisiva na hora de encontrar trabalho.



Sucede que os currículos dos CEF continuam centrados nos conhecimentos académicos, esquecendo as características do seu público-alvo, criando assim dificuldades acrescidas aos formadores. A falta de adequação dos currículos ao público a que se destinam é um factor perturbador do sucesso dos CEF.

O problema destes alunos não é saberem pouco de História, de Físico-Química ou de Matemática – eles sabem pouco, salvo raras exceções, porque sempre adotaram comportamentos (absentismo, falta de atenção/concentração, total falta de empenho) que impossibilitam a aquisição dos conhecimentos académicos.

O sucesso destes alunos não é suscetível de ser alterado por decreto e não pode ser medido pela simples transição de ano letivo. De nada lhes serve a escola “fácil” que pactue com esses comportamentos. Até podem concluir o 9º ano, mas se não adquiriram competências de saber ser/estar, a sociedade está a condicionar o futuro escolar, pessoal e social destes jovens, e, no fundo, a contribuir para uma sociedade mais desigual.

*José Falhas da Costa*

*Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique*

## Reflexões profissionais

Quando relembro a infância, vêm-me sempre à memória os dias frios de inverno, os cheiros às primeiras chuvas, as brincadeiras isoladas. Eu e as bonecas, em posições opostas. Eu a gesticular muito, por vezes, a ter necessidade de elevar a voz, irada com a falta de interesse, e elas, atónitas, a olhar para mim, com os olhos vazios de conhecimento, a tentar transformar o meu discurso em algo inteligível.

Invariavelmente, os meus momentos de recreação estavam ligados à sala de aula. Eu, professora, elas alunas. Mesmo quando algumas amigas se reuniam comigo, a situação era a mesma: eu, professora, elas alunas. Desde cedo, comecei a sentir interesse por esta profissão, que, mais tarde, iria escolher, tendo unicamente dúvidas em relação à área a aprofundar. Tanto o estudo de *Línguas e Literaturas Modernas*, variante de *Inglês e Alemão*, como ser docente, no primeiro ciclo, me aliciaram, a dada altura. Optei pela primeira opção.

Porto, Matosinhos, Vila das Aves, Rebordosa.

*- Fiquei colocada em Rebordosa, Pai, isso deve ficar no fim do mundo!*

*- Qual quê, efetivaste numa terra acima de Valongo. Saiu-te a sorte grande!*

Não sei se me saiu a sorte grande, sei que ali fiquei, até hoje. Longe da minha habitação, sem sinais de desenvolvimento cultural, desprovida de características de progresso, com gentes a competir através de



sinais exteriores de riqueza. Esta terra acolheu-me, sem preconceitos, e o mesmo esperava de mim. Mas não foi fácil não a julgar.

Quando conheci a então vila, hoje cidade de Rebordosa, a terra parecia medrar graças à competição entre empresários: o meu carro é melhor do que o teu, a minha casa tem piscina, as minhas roupas são mais caras. As empresas iam crescendo, o negócio alargava-se, as despesas tornavam-se maiores. Rebordosa vivia momentos de expansão económica, baseados em premissas enviesadas. Desenvolvimento significava olhar de esguelha para o vizinho e ser maior.

Atualmente, muitas das empresas familiares desapareceram do panorama empresarial, tendo sido engolidas pela competitividade. A falta de preparação académica, o fraco investimento em maquinaria moderna, a estagnação em termos de *design*, a crise económica mundial, forçaram a indústria das madeiras e do mobiliário a quebrar, gerando desemprego, emigração, falta de esperança no futuro. Acompanhei, de perto, os passos da cidade e das suas gentes. Os subsídios, que eram pedidos sem necessidade, os subsídios, que são pedidos graças à miséria, que se faz sentir. Os pais, que tentavam usufruir de benefícios da ação social escolar, embora demonstrassem viver de forma faustosa, os pais, que choram por não terem rendimento para colocar comida em casa. Assisti ao crescendo de mágoa, numa cidade onde a escola tenta apaziguar sofrimentos e dar rumo aos descrentes.

Seria ensinar *Inglês* suficiente, para uma vida de realização profissional? Talvez não me tivesse enriquecido tanto quanto o convite que aceitei no ano letivo 1996/1997: integrar o conselho diretivo da então *Escola C+S de Rebordosa*, na qualidade de secretária. Decidi explorar as minhas capacidades, aprender com quem tinha mais experiência, investir na gestão. Senti, muitas vezes, medo de desiludir, de não ser capaz de desenvolver um trabalho suficientemente positivo, de não cumprir imperativos legais. (A dada altura, o cumprimento dos normativos legais sobrepõe-se às restantes obrigações e responder perante a tutela é o mais importante.)

O repto que aceitei, em tempos tão diferentes, teve continuidade até ao ano letivo 2011/2012, como vice-presidente e subdiretora da *Escola E.B.2/3 de Rebordosa* e, posteriormente, do *Agrupamento Vertical de Escolas de Rebordosa*. No início, estava consciente de alguns aspetos negativos da escola, tinha ideias para os eliminar, conhecia alguns elementos do pessoal docente e não imaginava quão difícil seria conhecer o pessoal não docente.

Estes anos de experiência na gestão, permitiram-me relacionar profissional e humanamente com os vários grupos da escola, no sentido de analisar competências, necessidades do serviço, constrangimentos, querelas e, de acordo com as capacidades e qualificações de cada um, das exigências da tutela e da escola, das necessidades do mercado em relação às saídas profissionais, ajudar a delinear um rumo com vista ao sucesso institucional.



Se, no início da carreira profissional, não tinha qualquer conhecimento que dissesse respeito à administração pedagógica, quando associada à financeira, presentemente, tenho consciência da importância de ambos os fatores na prossecução do sucesso educativo e escolar. Perdi parte da arrogância inicial, que me levava a descuidar os processos de negociação e compromisso. Solicitar opiniões, saber ouvir, basear as tomadas de decisão em argumentos ajustados entre as diversas partes de uma escola traz grandes proveitos. Os elementos da organização devem sentir-se como parte integrante dela e não meros atores refletores de teorias externas, tantas vezes, incompreensíveis e incompreendidas pela maioria.

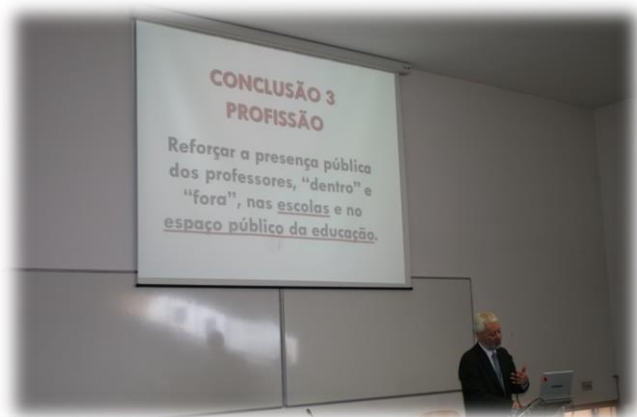
A *Escola E.B. 2/3 +S de Rebordosa*, outrora, com oferta formativa do quinto ao nono ano de escolaridade, é parte integrante de um agrupamento de escolas, que forma crianças e jovens desde o ensino pré-escolar até ao décimo segundo ano, oferece cursos de educação e formação e cursos profissionais. Está aberta ao exterior, brinda os alunos com uma aprendizagem colaborativa, moderna, individualizada, socorrida por meios tecnológicos. A escola é permeável aos interesses dos parceiros, à evolução social, pedagógica e cultural e reinventa-se, no sentido de encontrar formas de organização, que correspondam aos processos educativos harmonizados com as necessidades do seu público, humanizando-se. Gosto de pensar que faço parte dos profissionais, que a ajudaram a crescer e que a tornaram única.

Temo, no entanto, o futuro. O descrédito em relação à profissão, a perda de rendimento, o congelamento de progressão na carreira, o aumento de horas de trabalho sem condições nas escolas, a controversa avaliação docente, o despotismo da tutela face à criação de mega agrupamentos, a crise económica, geradora de perturbações sociais e de valores espelham tempos de dor. Temo o futuro. Já o temia, outrora, e cheguei aqui, apoiada por outros, que sem demonstrar receios, remam em frente.

A mesa pequenina e as cadeiras de plástico grosso, que, gentilmente, acolhiam as minhas bonecas da infância vejo, ainda, ao longe, juntamente com a alegria de ensinar. E sei que as vou ver sempre.

*Cristina Leitão*

*Agrupamento de Escolas de Vilela*



## Por dentro

### Laços

*Relatos de experiências colaborativas (1ª pessoa plural) de êxito que constituíram mais-valias para a escola ou para a profissionalidade docente - caminhos diferentes para o sucesso educativo*

## Uma experiência de formação parental no Agrupamento de Escolas de Vilela

*"Conduta de pais, caminho de filhos."*

*(Provérbio)*

*"A formação parental é reconhecida como uma estratégia adequada para a promoção da parentalidade positiva, de forma a otimizar o desenvolvimento integral da criança."*

[Isabel Abreu-Lima & Isabel Pratinha, Revista AMAzônica, jan-jun 2012]

As realidades atuais são muito exigentes em termos de responsabilidades educacionais. Se até há bem pouco tempo estas se restringiam ao espaço família, agora obrigam a uma interação atenta, cuidada e permanente com a escola numa partilha de esforços, visando um acompanhamento bem sustentado do



desenvolvimento das crianças. As famílias, enquanto modelo social, têm vindo a sofrer alterações profundas e as revoluções, não só sociais mas também económicas, fazem com que haja famílias que se sentem impotentes, e com falta de respostas adequadas, para acompanhar os novos desafios com que são muitas vezes confrontadas e proporcionar as condições que potenciem um desenvolvimento o mais completo possível dos seus filhos.

O modelo parental influencia fortemente o desempenho escolar das crianças, pelo que se torna premente o reforço de ações de formação que reforcem a parentalidade positiva, respeitando os direitos universais das crianças.

É uma realidade sentida por muitas escolas a fraca participação dos pais e encarregados de educação (adiante referidos apenas como pais) e constitui uma das fragilidades repetidamente apontadas pelos órgãos de direção, pelos diretores de turma e, até mesmo, pelos próprios pais quando se constituem em associação e se confrontam com a dificuldade em angariar sócios.

É, também, uma constatação frequentemente ouvida de que só comparecem, mesmo quando convocados, os pais dos alunos que menos precisam (e não será por isso que menos precisam?).

É, ainda, um sentimento generalizado de que seria benéfica a criação de espaços de formação onde se trabalhasse com os pais, se procurasse motivar e promover um envolvimento mais estreito na vida escolar dos seus educandos.

Fui, durante alguns anos, formador da Escola de Pais Nacional e estou consciente das potencialidades deste tipo de formação.

Como diretor de uma escola secundária, sem psicólogo e apesar dos pedidos devidamente sustentados apresentados ano após ano à então Direção Regional de Educação (atual Direção de serviços da região Norte) e sempre recusados, via-me sem recursos para promover este tipo de intervenção. Aderimos, desde o primeiro momento, à proposta de parceria da Câmara Municipal de Paredes/APIS (Associação Para a Inclusão Social) e da EPIS (Empresários pela Inclusão Social) e contamos com mais um recurso na escola – um psicólogo para trabalhar a prevenção do abandono escolar e da saída precoce dos alunos do sistema de ensino.

Entretanto, deu-se a agregação da Escola Secundária de Vilela com o Agrupamento Vertical de Escolas de Rebordosa integrando ainda o Centro Escolar de Vilela, até então incluído no Agrupamento Vertical de Escolas de Cristelo. Esta alteração profunda, a todos os níveis, trouxe consigo a autorização para se contratar um psicólogo.

Na Escola EB23S de Rebordosa trabalhava também uma técnica da APIS. Assim, passamos a dispor, enquanto Agrupamento, de três técnicos com formação para intervir junto dos pais. No entanto, estes recursos são exíguos para muitas outras solicitações (relacionadas com alunos) e todas a necessitar de



intervenções urgentes. Esta nova realidade, bem mais exigente e complexa que a anterior, veio reforçar ainda mais a necessidade da formação parental. Mas como a implementar?

Tínhamos alguma experiência em projetos europeus e tentámos encontrar aí parte da solução. Um dos programas é o *Transfer of Innovation* – associando-nos à APIS procurámos alguns parceiros europeus (de Espanha, Itália, Reino Unido e Roménia) e estabelecemos parceria também com o Centro de Formação de Associação de Escolas de Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel (para implementar formação nesta área aos docentes, sobretudo aos que exercem cargos de Diretor de Turma).

Aprovado o projeto, promoveu-se uma reunião formal conjunta com os representantes das associações e/ou comissões de pais de cada um dos sete estabelecimentos que compõem o Agrupamento e os respetivos coordenadores de estabelecimento.

A ideia era promover várias ações de curta duração (cerca de uma hora), dirigidas a grupos nunca inferiores a vinte pais, aplicando a metodologia da APIS e procurando envolver pelo menos seiscentos pais do Agrupamento. A implicação das associações/comissões e dos coordenadores de estabelecimento foi vital para a motivação dos pais para frequentarem as ações.

Foram estabelecidas regras relacionadas com a inscrição dos interessados:

Começou-se por estabelecer uma calendarização das ações, por estabelecimento de ensino.

Os candidatos interessados em participar nas respetivas ações, deveriam proceder à sua inscrição mediante formulário próprio até à data limite de uma semana antes do início da ação.

O formulário de inscrição deveria ser solicitado junto dos coordenadores de cada estabelecimento de ensino, ou pelo correio electrónico facultado para o efeito.

As inscrições para a realização das ações encerrariam após a obtenção de 30 inscrições.

Estas ações são dirigidas pelo psicólogo do Agrupamento e pelos técnicos da APIS que colaboram com o Agrupamento e desenrolam-se em horários ajustados à disponibilidade dos pais. As temáticas são abrangentes e compreendem assuntos como “Entre a Família e a Escola”, “Estratégias Disciplinares” e “Chegada a uma nova Escola” e podem ser replicadas se, por parte dos pais do nosso agrupamento, houver esse interesse.

Estamos agora na fase de levar para o terreno as ações. Por enquanto, o retorno tem sido muito positivo mas procederemos, naturalmente, a uma avaliação criteriosa de todo este projeto.

Para mais informações, aconselha-se a consulta do link [www3.esvilela.pt](http://www3.esvilela.pt)

Albino Pereira

Agrupamento de Escolas de Vilela



## Quando a porta da sala de aula se fecha...

Quando a porta da sala de aula se fecha, o professor fica só, diante de 25 pares de olhos que perscrutam todos os seus movimentos, as suas expressões faciais, as suas atitudes. Ali, naquele momento, cria-se um mundo específico.

Sempre foi a minha convicção de que a profissão docentes e presta a ser das mais solitárias que existem, mau grado planificações conjuntas e reuniões de grupo onde deveriam ser discutidas questões comuns da profissionalidade, metodologias, estratégias, enfim, uma panóplia de assuntos que, em princípio, propiciaria o trabalho colaborativo.

Ora, o trabalho em conjunto pressupõe uma aprendizagem por parte dos docentes, aprendizagem que passa pela aceitação de que o olhar do outro será sempre um outro olhar sobre a mesma situação, uma outra perspetiva a ter em consideração, uma nova forma de ação, ou seja, o olhar do outro será símbolo de diversidade e de diferenciação.

Frequentemente, esta aprendizagem materializa-se apenas porque existe um novo projeto que exige o trabalho de vários ou porque se detestou uma dificuldade muito específica que um só não consegue resolver. Exemplifiquemos:

O Projeto Mais Sucesso – Projeto Fénix: há quatro anos atrás, no então Agrupamento de Escolas Gomes Teixeira, tomou-se contacto com projetos inovadores implementados em outras escolas e que pretendiam reduzir o mais possível o insucesso escolar. Pelas análises dos resultados das avaliações dos alunos que eram efetuadas trimestralmente, concluiu-se que, relativamente ao 1º ciclo do ensino básico, era no 2º ano que os alunos apresentavam as maiores dificuldades e o menor rendimento. Constatou-se, também, que os anos de transição (5º e 7º) e, naquele ano lécito especificamente, os alunos que progrediriam para o 9º ano e se confrontariam com os exames nacionais de Língua Portuguesa e Matemática, apresentavam os resultados mais fracos dos 2º e 3º ciclos. Decidiu-se, então, depois de contactar o Agrupamento de Escolas de Beiriz, onde o Projeto Fénix tinha nascido, em colaboração com a Universidade Católica, tentar a implementação do mesmo no 2º ano do 1º ciclo e no 9º ano do 3º ciclo do AE Gomes Teixeira.

Cedo se verificou que este projeto só alcançaria os resultados esperados se os docentes trabalhassem em conjunto. Vejamos: foram escolhidas duas turmas do 9º ano, constituídas por um pequeno grupo de alunos com resultados bons e médios e por um grupo dominante de alunos com resultados abaixo da média, às disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Inglês. Aplicados os testes diagnósticos aos alunos e analisados os resultados, dividiram-se os discentes da seguinte forma: nas turmas





Fénix permaneceram os alunos cujos resultados se encontravam na média ou acima dela, no ninho um foram incluídos os alunos que revelavam competências e conhecimentos muito afastados da média e o ninho dois era composto por alunos que se aproximavam da média mas ainda apresentavam dificuldades e lacunas. O objetivo era fazer com que os alunos do ninho dois pudessem regressar à turma Fénix o mais rapidamente possível, que os alunos do ninho um pudessem transitar para o ninho dois e, inclusivamente, que, no caso de um dos ninhos ficar sem alunos, fosse possível formar um ninho de excelência. Olhando para a descrição do funcionamento do Projeto, constata-se que, das três disciplinas, existiam quatro professores a trabalhar simultaneamente (dois nas turmas Fénix e dois nos ninhos), o que obrigava a um trabalho colaborativo constante, quer na planificação das aulas, quer na aplicação de estratégias e procedimentos, quer na avaliação dos alunos. Para além do horário das três disciplinas ser simultâneo nas turmas e ninhos, instituiu-se uma hora específica semanal, na componente não léctica dos docentes, onde, em reunião, todos os assuntos acima referidos eram trabalhados.

No primeiro ciclo, este trabalho foi implementado ao nível dos apoios educativos: em vez de os alunos do 2º ano, que apresentavam mais dificuldades a Língua Portuguesa e Matemática, beneficiarem de um apoio semanal de x horas, foram também divididos em pequenos grupos – os que não apresentavam dificuldades permaneciam na turma, os restantes eram retirados da sala de aula nas horas em que seriam seccionadas as disciplinas em questão e funcionavam em dois grupos mais pequenos, aos quais se juntavam, quando aconselhável, alunos do 1º ou do 3º anos que beneficiavam de um ensino mais individualizado na medida em que as suas dificuldades assim o exigiam.

O outro exemplo que gostaria de referir, foi o do projeto que nasceu da necessidade de encontrar uma solução para o elevadíssimo número de módulos em atraso que os alunos dos cursos profissionais do AE Infante D. Henrique apresentavam no final do ano letivo 2011/2012. Enquanto no Projeto Fénix foi essencial os professores aprenderem a trabalhar em conjunto, informalmente, e fazê-lo efetivamente, no Projeto que o Agrupamento delineou em conjunto com o SAME da Universidade Católica, essa aprendizagem foi estruturada e formal. Começou-se pela formação de quatro docentes na Universidade Católica e avançou-se, seguidamente, com a formação de catorze docentes, através de uma oficina intitulada "(Re) Aprender a Ensinar e Avaliar nos Cursos Profissionais: o saber em ação", especialmente concebida pela Professora Doutora Luísa Orvalho para resolver o problema detetado. Para além das reflexões conjuntas efetuadas pelos formandos sobre o tema em questão, buscaram-se e conceberam-se metodologias e estratégias aplicáveis à realidade. O trabalho final, que foi apresentado pelos formandos à comunidade escolar num seminário por eles desenhado e organizado, em 4 de março de 2013 e que teve a participação da Professora Doutora Luísa Orvalho e do Professor Doutor Matias Alves, constituiu-se, apenas, como um ponto de partida. Na realidade, todo o conhecimento e materiais produzidos pelos

catorze professores só terão impacto sobre as realidades e apropriados pelos outros docentes. Para tal, é imperioso que todos os docentes trabalhem de forma colaborativa, transformando-se os catorze formandos em formadores dos seus colegas e, assim, em catalisadores da mudança.

Maria Manuela Rocha Pinto

Diretora do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique

## Testemunho do Grupo de trabalho do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique

No Anfiteatro da escola sede do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique – Porto (AEIDH), a catorze de março de dois mil e treze, realizou-se o seminário “*(Re)Aprender a Ensinar e Avaliar nos Cursos Profissionais: o saber em ação*”, que teve como conferencista o Professor Doutor José Matias Alves. Este seminário foi o corolário da oficina de formação iniciada em julho de dois mil e doze, com catorze professores deste agrupamento<sup>3</sup>, coordenada pela Professora Doutora Luísa Orvalho, no âmbito de um contrato de prestação de serviços de formação e desenvolvimento, assinado entre a Católica Porto (SAME) e o respetivo Agrupamento.

A pesquisa, discussão e debate de temáticas como ensinar, aprender e avaliar, realizadas no decorrer da Oficina de Formação, motivaram os trabalhos efetuados pelos docentes, alguns dos quais foram apresentados neste seminário.

Os trabalhos realizados ao longo do período da Oficina de Formação permitiram reconstruir *dois eixos* fundamentais e complementares para o sucesso do Ensino Profissional.

O primeiro ligado à organização e funcionamento da formação centrados nas necessidades e características do aluno. O segundo ligado à qualidade e profundidade da ligação da Escola ao tecido económico.

No que concerne ao *primeiro eixo* constatou-se a necessidade de aumentar o grau de personalização e proximidade no acompanhamento do aluno, com implicações tanto ao nível do conhecimento das suas características pessoais e do seu contexto familiar como da construção de uma relação pessoal de confiança e de responsabilização mútua entre aluno e professor. Deve-se assim ajustar o plano formativo ao perfil singular de cada aluno e, por outro lado, conferir coerência a trajetos escolares fragmentados pela acumulação de módulos em atraso.

---

<sup>3</sup>Ana Paula Salgado, César Domingues, Diana Duarte, Edgar Rocha, Ema Rocha, Fátima Couto, Fernanda Maia, Filipe Vieira, Maria Alice Souto, Maria Benedita Osório, Maria de Fátima Correia, Manuel Costa, Paula Cunha, Ricardo Silva.



Todo este processo passa pela flexibilidade e diversidade dos conteúdos e momentos avaliativos inerentes à estrutura modular das disciplinas e pelo desenvolvimento de materiais pedagógicos adequados e diversificados que suportem as estratégias pedagógicas centradas sobre os saberes práticos e no horizonte de inserção profissional.

No que concerne ao *segundo eixo* constatou-se a necessidade de melhorar a ligação entre a escola e o tecido empresarial que a rodeia. Auscultando as suas necessidades é possível adequar os conteúdos programáticos e as metodologias para que a integração dos alunos no tecido empresarial se faça de forma natural, potenciando assim o sucesso destes jovens, quer na sua futura vida profissional, quer na vida pessoal, através de uma aposta de formação integral. Esta ligação terá sempre como suporte a própria estrutura curricular dos cursos, em particular da formação técnica, da Formação em Contexto de Trabalho e da Prova de Aptidão Profissional. Sendo assim também é necessário criar ferramentas e mecanismos que ajudem a que a ligação seja natural e forte.

Constatou-se ainda a necessidade de desenvolver mecanismos de apoio e acompanhamento das trajetórias dos diplomados após a conclusão dos cursos, que permitem um *feedback* detalhado sobre as virtualidades e insuficiências dos cursos e as saídas profissionais efetivas.

Todos os trabalhos desenvolvidos permitiram estabelecer sinergias com vista a melhorar o sucesso dos alunos. Colocar cada aluno perante uma situação mais favorável ao seu processo de aprendizagem é indissociável da atitude que o professor tem que ter para cada um, de modo a promover e potenciar a autoaprendizagem tornando o aluno o autor do seu processo de crescimento intelectual e sócio afetivo.

A qualidade de formação está intrinsecamente relacionada com o aperfeiçoamento contínuo de competências, por parte das pessoas que constituem a organização escola. Tal contribuirá para atenuar o insucesso dos alunos e evitar o seu afastamento através do abandono.

É necessário que o ensino profissional assegure um quadro de competências, sejam elas: cognitivas, técnicas, sociais ou culturais que permitam aos jovens a inserção na vida ativa, para que se tornem membros produtivos e agentes de crescimento social e económico. Algo que a nossa sociedade necessita cada vez mais.

O sucesso do Ensino Profissional não passa unicamente pela capacidade de preparar os alunos para uma família de profissões, mas também por recuperá-los para o sistema educativo e formativo.

O sucesso deve ser medido pela capacidade que as escolas têm em transformar jovens, por vezes sem rumo ou objetivos, em homens e mulheres produtivos que sejam um suporte ao crescimento do país.

*O grupo de professores intervenientes no projeto formativo*

*Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique*



## Testemunho da equipa pedagógica da Escola Tecnológica e Profissional de Sicó

A sociedade em que vivemos encontra-se em constante mutação, com os efeitos da globalização a fazerem-se sentir e a heterogeneidade dos alunos que integram as turmas a tornar-se perceptível ao nível das aprendizagens, dos comportamentos e, consequentemente, ao nível dos resultados obtidos em função daquilo que seria expectável. Urge, desta forma, a necessidade de uma tomada de atitude e de afirmação face a esta adversidade com a qual nos deparamos, diariamente. Esta mudança de paradigma será tanto mais visível quanto maior for a capacidade de cada professor em conseguir enfrentar as adversidades e mudar ele próprio a sua forma de agir, de ensinar. Trata-se, portanto, de refletir ao nível da implementação e da diferenciação de estratégias de ensino, ao nível da utilização das novas tecnologias, na planificação das atividades, na avaliação autêntica das aprendizagens. Poder-se-á afirmar que cada vez mais nos deparamos com uma revolução na aprendizagem, uma vez que uma grande percentagem dos alunos não quer “aprender”, e é aqui que reside o principal desafio de cada professor e da escola.

A jornada de trabalho colaborativo que a Doutora Luísa Orvalho dinamizou junto da equipa pedagógica da nossa escola, no dia 15 de fevereiro de 2013, incidiu, sobretudo, na tónica da diferenciação pedagógica como a chave para o sucesso no Ensino Profissional. Este Seminário, integrado nas Jornadas Pedagógicas da EP de Sicó, envolveu cerca de 30 participantes, entre diretores, coordenadores de curso, professores e diretores de turma, e teve como finalidade fazer-nos refletir sobre a experiência de cada um, como profissionais do ensino, para sermos capazes de apresentar uma proposta de ação de melhoria da nossa prática pedagógica e de trabalho colaborativo entre os professores da escola, subordinada ao tema *“O que faço e o que posso fazer melhor. Um compromisso com a minha escola e com os meus alunos”*.

Cada vez mais o projeto da escola tem que assentar numa base de cultura comum, cultura esta que deverá privilegiar a heterogeneidade em prol da homogeneidade e a diferenciação em prol da uniformização. Ao assentar a sua metodologia de trabalho nesta base comum, a escola será capaz de dar uma resposta mais eficaz e eficiente aos seus alunos, pois não descarta a diferença quer ao nível dos ritmos quer ao nível das capacidades de aprendizagem, atendendo, desta forma, às reais necessidades de cada um. Esta reflexão conjunta teve como base o visionamento do filme “ Percorrendo a pedagogia do Séc.XX para entrar na pedagogia do séc. XXI”, do Professor António Nóvoa, do qual se retiraram duas grandes ilações: a questão da avaliação autêntica em detrimento da avaliação tradicional e, por outro lado, a noção de escola inclusiva, a qual só fará sentido se existir a diferenciação pedagógica à qual já se aludiu, anteriormente.



No decorrer da sua intervenção, a Doutora Luísa Orvalho atribuiu especial enfoque à figura do professor enquanto mediador das aprendizagens e orientador do processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos. O professor deve deixar de assumir a centralidade deste processo, assegurando que é na aprendizagem do aluno que esta se deve verificar, é ela que deve estar no centro das atenções do professor. Este trabalho de orientação e de mediação das aprendizagens deve ser feito em complementaridade com o projeto curricular do curso, respeitando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem. Ao assumir este duplo papel, o professor está a colocar em prática a diferenciação pedagógica, pois possibilita ao aluno que ele seja o construtor do seu próprio conhecimento, levando-o a aprender a aprender e, simultaneamente, a promover a sua autonomia e a sua dignificação pessoal. Por outro lado, ao entendermos o aluno nesta perspetiva de autoconhecimento, estamos a possibilitar ainda a construção do seu portefólio de aprendizagens. Enquanto o professor não assumir que a diferenciação pedagógica assume este papel preponderante, continuará a realizar um conjunto de tarefas impossíveis, uma vez que a escola de hoje não é a mesma de há uma década atrás. Mudam-se os tempos, por isso há que mudar as práticas. Mudam-se as vontades, há que motivar os alunos a aprender.

Este foi o primeiro momento de diagnóstico e levantamento das crenças pedagógicas dos professores e das necessidades de desenvolvimento profissional e organizacional, que permitiu auscultar as práticas pedagógicas dos professores na aplicação da estrutura modular (EM) nos cursos profissionais e questioná-los sobre a prática da diferenciação pedagógica na sala de aula. O segundo momento será uma Oficina de Formação de 50 horas, acreditada pelo CCPFCP subordinada ao tema "(Re)Aprender a ensinar e avaliar nos cursos profissionais: o saber em ação" que se vai desenvolver durante o ano letivo 2013-2014.

Foi, indubitavelmente, uma jornada de trabalho frutífera para os elementos que integram esta equipa, na medida em que nos fez parar para pensar na nossa prática pedagógica e refletir sobre a nossa atuação em sala. Por vezes, fazemos esta reflexão, individualmente, e não partilhamos as conclusões a que chegamos e esta partilha de experiências constituiu, por si só, um momento de aprendizagem. Todos estamos conscientes que é premente praticar a diferenciação pedagógica em sala, que é preciso encontrarmos metodologias que nos auxiliem neste processo que é o de levar os alunos a aprender e sobretudo que devemos trabalhar cada vez mais em estreita articulação com os colegas das outras áreas para que possamos atender de forma mais célere e eficaz às necessidades dos nossos alunos.

*Elsa Sofia Teodósio Dias*

*Coordenadora Pedagógica da Escola Tecnológica e Profissional de Sícó*



---

## Estratégias

No início do ano letivo, ao analisar os critérios de avaliação com os meus alunos do 12.º ano de Química, mostrei-me algo insatisfeita com os resultados obtidos, em anos anteriores, ao nível dos trabalhos de pesquisa. Na verdade, após a atribuição do tema para o trabalho de pesquisa, os alunos limitavam-se a consultar dois ou três *sites* da internet, recolhendo daí informação aleatória, dando o trabalho por concluído sem que daí tivessem resultados grandes melhorias a nível académico ou pessoal. Quando, na sequência desse trabalho de pesquisa, lhes era pedido que fizessem uma apresentação oral aos colegas, ficava explícito que não tinha existido um verdadeiro trabalho de grupo, já que, na maioria dos casos, os alunos repartiam o trabalho entre si e cada um trabalhava e apresentava a sua parte, independentemente.

Questionados sobre o assunto, a grande maioria concordou comigo. Perguntei-lhes, então, se estariam dispostos a fazer algo de diferente e que, no meu entender, lhes traria mais-valias. Mostraram-se interessados, mas com dúvidas sobre que tipo de trabalho poderia ser esse.

Propus um trabalho em articulação com turmas dos 3.º e 4.º anos, intitulado “Ciência para os mais novos”. Durante o 1.º período, os alunos dariam uma aula a essas turmas do 1.º Ciclo. Sendo três turmas do 3.º ano e três turmas do 4.º ano, formar-se-iam seis grupos de trabalho, um por turma. Quis saber se este tipo de trabalho lhes suscitava interesse, se se sentiam à vontade para o executar pois, caso contrário, poderiam sempre optar pelo trabalho de pesquisa nos moldes habituais. Todos os alunos, com uma única exceção, se mostraram muito entusiasmados. Apenas esse aluno referiu que não se sentia confortável para dar uma aula a alunos mais novos e completamente desconhecidos, pois tinha muita dificuldade em estar em público e em se expor. Um dos principais pressupostos da atividade foi que os participantes estivessem motivados para a mesma e se sentissem à vontade para desenvolver o trabalho que se esperava deles. O aluno propôs-me a realização de outro trabalho, por mim aceite.

A primeira etapa foi uma ida ao Centro Escolar para que cada um dos grupos contactasse a turma com a qual iria trabalhar, determinasse os assuntos em estudo na área das ciências e os que mais curiosidade lhes suscitava nessa mesma área.

Chegados ao Centro Escolar, os alunos tiveram, genericamente, um ataque de timidez e todos pretendiam que eu entrasse nas salas com eles. Na impossibilidade de estar, ao mesmo tempo, em seis salas distintas, surgiu a necessidade de reformular o plano. Assim, todos os alunos me acompanharam às salas das seis turmas, tendo-se apresentado, a cada uma destas, o grupo de alunos que aí iria trabalhar.

Começaram por se apresentar à professora titular da turma e aos alunos e, em seguida, pediram aos homólogos do 1.º Ciclo que se apresentassem. Depois, todos conversaram sobre experiências já realizadas, outras que gostariam de fazer e que matérias aprendiam na área de Estudo do Meio. Combinou-



se, então, que seriam escolhidas algumas atividades de entre os assuntos a lecionar nesse ano, e nessa área, relacionados com ciência e os interesses manifestados pelos alunos. Uma descrição das atividades seria, posteriormente, enviada à respetiva professora para que, com os alunos, escolhesse a potencialmente mais interessante.

Após a escolha das atividades a apresentar a cada uma das turmas surgiu o grande desafio: criar um protocolo experimental partindo de uma questão-problema. Dele deveria constar a descrição da atividade, um espaço que permitisse aos alunos registarem as suas observações, um conjunto de pequenas perguntas que os orientassem na obtenção de conclusões sobre o que tinham observado e na resposta à questão-problema, de um modo adequado à faixa etária, mas sem erros de cariz científico.

Elaborado o protocolo, cada grupo de alunos foi dar a sua aula, no dia e hora combinados, com a professora titular da respetiva turma. Analisaram a atividade com os alunos e, em conjunto, realizaram as atividades experimentais de um modo muito interativo e dinâmico, onde predominou a colocação de questões de parte a parte. Após a realização das atividades procederam à divisão dos alunos da turma em pequenos grupos, para se proceder ao registo de observações e à obtenção de conclusões, culminando com a resposta à questão-problema.

Os alunos do Centro Escolar adoraram as atividades e os alunos da Escola Secundária saíram encantados com esta experiência. Ficou, por isso, combinado que no 2.º período seriam os alunos do Centro Escolar a deslocar-se à Escola Secundária para realizarem outras atividades experimentais, desta vez em laboratórios de Química e de Física.

Como, em termos logísticos, seria inviável ter seis turmas em simultâneo dentro dos laboratórios, nem, em termos de transporte, deslocar-se uma turma de cada vez à Escola Secundária, pensou-se em alargar esta iniciativa a outras áreas disciplinares. Assim, os alunos do 1.º Ciclo puderam:

- Assistir a uma peça de teatro (“A lenda da Europa”) dinamizada pelo Clube Europeu e pela respetiva professora responsável,
- Fazer *origami*, orientados por docentes da área da Matemática;
- Interagir com robôs na atividade “Robótica para crianças”, dinamizada por professores da área de Informática;
- Realizar atividades sob o tema “Onde está a Europa?”, dinamizadas por docentes das áreas de História e Geografia;
- Realizar atividades da área de Biologia dinamizadas pelos respetivos alunos e docente do 12.º ano de Biologia;
- Realizar atividades nas áreas de Química e Física, dinamizadas pelos alunos já deles conhecidos.



Puderam ainda estes meninos tomar contacto físico com a escola que será a de muitos deles no próximo ano letivo. O único aluno não participante no 1.º período, fê-lo desta vez e no final da atividade confidenciou-me, com um sorriso nos lábios, o quanto a tinha adorado.

Para o 3.º período, está já prevista uma articulação semelhante com as turmas do 5.º ano. A docente das turmas irá lecionar as propriedades do ar e da água, privilegiando a vertente experimental, o que poderá ser complicado com 28 alunos na turma. Sendo assim, vão ser constituídos quatro grupos de alunos de 12.º ano e quatro grupos de alunos de 5.º ano, seguindo-se a mesma metodologia de trabalho adotada no 1.º período com os alunos do Centro Escolar.

*Maria Manuel Pereira Guedes*

*Agrupamento de Escolas de Vilela*

## Experiência em trabalho colaborativo – 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário

O grupo de professores de matemática desta escola é fixo (cada ano letivo há um ou dois professores novos) há já alguns anos. Temos vindo a desenvolver estratégias de trabalho em equipa com o objetivo de melhorar práticas educativas e, consequentemente, os resultados dos nossos alunos.

Implementámos um projeto no âmbito do Plano de Ação da Matemática (PAM) e um outro no âmbito do Novo Programa de Matemática do Ensino Básico (NPMEB). Desenvolvemos dois projetos no âmbito da 7ª edição do *Prémio Fundação Ilídio Pinho*. Dinamizámos, anualmente, as atividades *Olimpíadas Portuguesas de Matemática*, *Canguru Matemática Sem Fronteiras* e as competições do *Pmate*.

Das estratégias a implementar no nosso projeto do PAM constava trabalho em equipa, por ano de escolaridade, e assessorias pedagógicas em turmas com maior insucesso à disciplina de matemática. Com este projeto fomos “forçados” a abandonar o trabalho individualista. Foi contemplado no horário, de todos os professores envolvidos neste projeto, noventa minutos semanais, com o objetivo de possibilitar um espaço para debate e articulação pedagógica. Assim, foram criadas as condições para, em equipa, partilhar ideias e conhecimentos, planificar aulas, elaborar elementos de avaliação formativa e respetivos critérios de classificação, concertar estratégias comuns aplicáveis na prática letiva...

Na implementação do projeto do Novo Programa da Matemática do Ensino Básico, em fase de experimentação, o grupo de docentes envolvidos foi mais restrito. Atendendo a que não existia manual adequado, foi necessário criar muito material que resultou em mais envolvimento e coesão da equipa de





trabalho. Iniciámos, com este projeto, a realização de elementos de avaliação formativa iguais para todas as turmas do mesmo ano de escolaridade, calendarizadas para a mesmo dia à mesma hora, ou em horas consecutivas.

Os professores envolvidos nestes projetos também lecionavam ensino secundário. Assim, esta forma de trabalhar foi-se propagando, sendo atualmente uma prática comum a todos os professores de matemática da nossa escola. Este ano letivo:

- Todos os professores de matemática trabalham em equipa.
- Todos os elementos de avaliação formativa são comuns para todas as turmas, por ano de escolaridade.
- Sempre que um professor tem necessidade de faltar, tentamos, dentro dos possíveis, lecionar as aulas para que as turmas não fiquem desfasadas (o que pode gerar problemas de articulação à equipa).
- As assessorias pedagógicas continuam a ser uma das estratégias para combater o insucesso. Durante o ano letivo, vamos otimizando a gestão das horas disponíveis para a implementação desta medida de apoio, a fim de tentar dar resposta a situações mais preocupantes.
- As aulas de apoio são partilhadas por alunos de várias turmas, do mesmo ano de escolaridade. A título de exemplo, no 10º ano, à disciplina de Matemática A, há dois professores a lecionar aulas de apoio: um professor leciona aulas de apoio aos alunos que apresentam classificação positiva a todas as disciplinas, à exceção da disciplina de Matemática A; outro professor está disponível para esclarecer dúvidas (apesar de funcionar com frequência facultativa, alguns alunos são propostos para este apoio pelo respetivo professor). Esta medida permite otimizar recursos mas exige articulação entre os professores envolvidos.
- A componente não letiva dos professores de matemática está quase toda atribuída para leção de aulas de apoio. Atualmente, não está contemplado no horário dos professores qualquer tempo para debate e articulação pedagógica. O trabalho é desenvolvido extra horário, em reuniões informais, sendo o *e-mail* uma via recorrente de comunicação e partilha.

Os restantes projetos e atividades que temos vindo a desenvolver resultam da interajuda e da dedicação dos professores. Nos últimos anos, e por diversas vezes, a escola obteve destaque nacional pelos excelentes resultados dos nossos alunos nas competições do *Pmate* e das *Olimpíadas Portuguesas de Matemática*.

Consideramos que estas práticas têm sido benéficas para os professores, para a escola e principalmente para os alunos. Apesar de continuar a haver insucesso à disciplina de matemática, os



resultados das avaliações externas dos nossos alunos revelam melhorias significativas ao longo dos últimos anos.

*Grupo de Professores de Matemática  
Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior*

## Uma experiência de trabalho colaborativo de uma professora portuguesa na Polónia: Seminário de Contacto em Wroclaw

Todos os anos, no Jardim de Infância das Travessas, participamos no concurso “Conta-nos uma história”, promovido pelo Ministério da Educação e Ciência. Esta iniciativa pretende fomentar a criação de projetos desenvolvidos pelas escolas de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico que incentivem a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), nomeadamente tecnologias de gravação digital de **áudio** e **vídeo**. No ano transato, ao ganhar o primeiro prémio na categoria vídeo, tive o privilégio de participar num seminário de contacto em Wroclaw na Polónia.

Neste seminário tivemos uma agenda cheia de *workshops*. A primeira oficina foi sobre a Comunidade eTwinning de Escolas na Europa. As sessões seguintes foram excelentes comunicações sobre ferramentas etwinning e partilha de boas práticas.

Fiquei a conhecer o funcionamento das redes de trabalho colaborativo entre as escolas europeias, através do desenvolvimento de projetos comuns, com recurso à internet e às tecnologias de informação e comunicação.

A partir da sessão sobre o desenvolvimento profissional através do etwinning, fui convidada para integrar o projeto “**Behavior and Manners**” com colegas da Polónia, da Hungria, da Islândia e Turquia. Foi um evento de aprendizagem, partilha, comunicação, criatividade, inovação, motivação, desafio, ponto de encontro e abertura de horizontes.

Foi uma experiência única e ficou bem patente o orgulho e brio que os profissionais têm em fazer parte destes projetos. São estas ferramentas/instrumentos que dão às escolas a oportunidade de aprenderem umas com as outras, de partilhar, de descobrir, de inovar e de motivar.

No projeto que estamos a desenvolver, temos usado as videoconferências como meio privilegiado de comunicação, compartilhamos materiais pedagógicos e ideias sobre a importância das regras e das boas maneiras, regras comuns a todos os países, diferenças, semelhanças ...

De acordo com estudo recente, o eTwinning é uma forma acessível e económica de as escolas realizarem atividades de cooperação internacional. O mesmo estudo apurou que os professores que



participam nestes projetos aperfeiçoam as suas competências, melhoram a sua relação com os alunos e ampliam as suas redes profissionais. Por seu turno, os alunos ganham motivação e tornam-se mais aptos a trabalhar em equipa.

*Os contactos que estes projetos permitem estabelecer entre escolas trazem grandes vantagens a todos os participantes e dá-nos a liberdade de conceber projetos criativos e interculturais. Além disso, incentivam as crianças a desenvolverem as suas competências em TIC.*

Ana Teixeira

Agrupamento de Escolas Oliveira Júnior

